

## **Pensadoras Feministas Negras na Sala de Aula de Língua Inglesa**

### **Ementa**

As discussões buscam entender o conceito de comunidade como comunhão amorosa (bell hooks, 2001; PIRES, 2022) e a importância da sororidade, a decolonização do conhecimento (KILOMBA, 2010) no ensino superior e na educação básica, a recuperação das histórias de “figuras menores” (HARTMAN, 2019) e as práticas insurgentes que desenvolveram para sobreviver a opressão, os desafios de viver uma vida feminista (AHMED, 2017), as imagens de controle da teoria social crítica de Patrícia Hill Collins (1990) e a estratégia de identificar, interrogar e interromper (MENEZES DE SOUZA, 2019) o racismo e sexismo sistêmico e cotidiano. Assim, o objetivo é, também, estabelecer relações de respeito para a diversidade epistêmica e diálogos que se transformam em ecologias do saber. Trazer teorias feministas negras e suas políticas para a sala de aula de língua inglesa (ou de qualquer outra língua) visa acabar com o sexismo, o racismo e a exploração e opressão sexual.

### **OBJETIVO**

Promover discussões dentro da academia e da sala de aula da educação básica sobre teorias feministas negras que refletem a reprodução de fenômenos como o racismo e o sexismo.

### **JUSTIFICATIVA: PROJETOS DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E CAPACITAÇÃO DOS PROFESSORES EM SP**

A globalização, apesar de fazer emergir noções de homogeneização, é, na verdade, um fenômeno heterogêneo, que reverencia o global enquanto não se preocupa com o local, põe ênfase no internacional enquanto fortalece o nacional e, aparentemente, inclina para similitude enquanto incomoda-se com a diferença. A língua inglesa, como a língua global que expressa o fenômeno de globalização, é da mesma forma caracterizada por estes paradoxos e, por isso, às vezes precisa padronizar seu ensino e outras customizar de acordo com as necessidades e especificidades locais.

Ainda, a promoção de discussões sobre a diferença em todos os seus níveis – cultural, linguístico, de gênero, de raça – é cada vez mais necessária num mundo em que certos

grupos sociais sofrem preconceito e violência sistêmica. Levantar questionamentos sobre as razões que levam certos corpos a não serem bem vindos em certos espaços, interrogar estas violências e tentar interrompê-las são práticas que buscamos desenvolver nestes eventos.

## **METODOLOGIA DE TRABALHO**

Este projeto se fundamenta na teoria de ecologia dos saberes e busca a articulação dos interesses educacionais com os interesses científicos. Assim sendo, trabalha dentro do contexto de zonas de contatos simétricos entre a academia e a educação básica e procura deixar as diferenças aparecerem nos seus entrelaçamentos.

Vale a pena ressaltar que este projeto é pensado a partir do falante “imperfeito” de inglês que, às vezes, revela no seu discurso falado ou escrito uma profunda agramaticalidade. A educação pública tem sido vista como objeto do conhecimento na educação superior devido à baixa formação docente ao que diz a língua que os professores ensinam e os objetivos de ensino desta língua nas escolas públicas de Guarulhos que formam alunos urbanos que pertencem à classes sociais que pouco interagem com o inglês como língua global. A criação de espaços e zonas de contato onde os professores da educação pública se tornam sujeitos nativos e informantes de narrativas que constroem realidades educacionais nos espaços que estes professores lecionam podem abrir caminhos para se tornarem agentes de histórias alternativas.

Descolonizar o ensino de inglês representa uma ruptura com o modo tradicional e acrítico de ensinar a língua com o propósito de desamarrar e desfazer o legado estético que o Iluminismo Europeu nos propiciou (SPIVAK, 2012, p. 1). Cultivamos, deste modo, um pensamento que situa o pós-colonial como um momento na história das políticas culturais (SPIVAK, 2012, p. 56) e buscamos um vínculo social mais evidente entre a rede pública de ensino e educação superior. De algumas maneiras, acredita-se que devemos desfazer ou anular a dominância da língua inglesa e empurrar suas fronteiras no processo de politização do ensino de língua. Assim, desejamos conseguir fazer uma análise mais densa do significado de ensinar inglês na escola pública no bairro dos Pimentas.

Busca-se, assim, a identificação de temas geradores de teorias feministas, a construção de sentidos em inglês em relação a estes temas e um equilíbrio entre conteúdos linguísticos

pré-determinados que ainda fazem parte do imaginário do professor de inglês e processos de significação situados.

Este projeto tenta fazer a ponte entre concepções críticas sobre língua, saberes e pedagogia e, por isso, se interessa com as narrativas de experiências de professoras em exercício ou em formação.

## **EQUIPE EXECUTADORA - OS PARTICIPANTES DO PROJETO**

### **Coordenadora e professores do ensino básico**

Os principais participantes deste projeto são a coordenadora, que atua como professora no Departamento de Letras, na área de Língua Inglesa de Unifesp Guarulhos e as professoras e professores de língua (inglesa) da rede pública. Estas professoras da rede pública participarão em eventos temáticos que terão como objetivo não só desenvolver a capacidade dos professores de se comunicarem em inglês em vários contextos garantindo, assim, um repertório na língua estrangeira, mas também os introduzir em perspectivas pedagógicas que podem melhorar seu ensino.

### **Monitora/voluntária do projeto de extensão**

A monitora Ana Júlia já participou do projeto no ano passado e está qualificada para ministrar o minicurso

### **Professores em formação/alunos da graduação**

Os alunos de graduação, professores em formação, terão também a oportunidade de participar dos eventos

## **CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO MINICURSO – Responsável pedagógico:**

**Ana Júlia dos Santos (monitora)**

**11/09 das 18h às 19h** - bell hooks: All about love

**25/09 das 18h às 19h** – Gloria Anzaldúa: Borderland

**09/10 das 18h às 19h** – Grada Kilomba: Plantation memories

**16/10 das 18h às 19h** – Jacqui Alexander: Erotic autonomy as a politics of decolonization

**30/10 das 18h às 19h** – Saidiya Hartman: Wayward Lives, beautiful experiments

**13/11 das 18h às 19h** – Sara Ahmed: Living a feminist

**27/11 das 18h às 19h** – Patricia Hill Collins: Black feminist thought

## **ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO**

Mídia social (Instagram) e página da Monitoria de Língua Inglesa no Facebook

## **ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO**

O projeto visa contribuir com uma formação mais crítica do professor de línguas em relação às leituras na educação pública, e, assim, participar ativamente na formação dos professores pré e em serviço. Os saberes construídos a partir desses encontros/palestras fomentarão as pesquisas dos professores em formação envolvidos com o projeto. A avaliação será realizada a partir da presença e participação no curso (75% dos encontros).

## **REFERÊNCIAS**

- AHMED, Sara. *Living a feminist life*. Durham: Duke University Press, 2017.
- ALEXANDER, M. Jacqui. *Pedagogies of Crossing: Meditations on Feminism, Sexual Politics, Memory, and the Sacred*. Durham, NC: Duke University Press, 2006
- ANZALDUA, Gloria. *Borderlands / La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute, 1999.
- BRAIDOTTI, Rosi. *Transpositions: On Nomadic Ethics*. Cambridge: Polity, 2006.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*, 2nd ed. New York: Routledge, 2000.
- DAVIS, Angela. *Women, Race and Class*. New York: Vintage, 1983.
- FREIRE, Paulo. *A Pedagogia dos Oprimidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GILMAN, Charlotte Perkins. *The Yellow Wallpaper and Other Stories*. New York: Dover, 1997.
- HALL, Radclyffe. *The Well of Loneliness*. London: Virago, 1982.
- HARAWAY, Donna. *A Companion Species Manifesto: Dogs, People and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigm, 2003.
- HARTMAN, Saidiya V. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery and Self- Making in Nineteenth- Century America*. New York: Oxford University Press, 1997.

- hooks, bell. *Talking Back: Thinking Feminism, Thinking Black*. Boston: South End, 1988.
- LORDE, Audre. *Zami: A New Spelling of My Name*. London: Sheba Feminist, 1984.
- MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Durham, NC: Duke University Press, 2003.
- MORAGA, Cherrie. "The Welder." In *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*, edited by Cherrie Moraga and Gloria Anzaldúa, 219. Watertown, MA: Persephone, 1981.
- MORRISON, Toni. *The Bluest Eye*. London: Picador, 1979.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Beyond Abyssal Thinking: from global lines to ecologies of knowledges. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80. Disponível em: <http://www.eurozine.com/articles/2007-06-29-santos-en.html>. Acesso em 02 fev 2018.
- SANTOS, Boaventura de Souza. O intelectual de retaguarda. *Análise Social*, 204, xlvii (3.º), 2012.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. 1988. "Can the Subaltern Speak?" In *Marxism and the Interpretation of Culture*, edited by Cary Nelson and Lawrence Grossberg, 271–313. Basingstoke, U.K.: Macmillan Education.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. [\*An Aesthetic Education in the Era of Globalization\*](#). Cambridge and London: Harvard University Press, 2012.
- WALKER, Alice. *In Search of Our Mothers' Gardens*. Phoenix, AZ: New Edition, 2005.
- .